

Introdução

Sobre a Viragem Antropotécnica

Um espectro ronda o mundo ocidental — o espectro da religião. Em todo o lado, asseguram-nos de que regressou após uma longa ausência e está entre os homens do mundo moderno e que faríamos melhor se tivéssemos em conta esta sua nova presença. Ao contrário do espectro do Comunismo, que não era um retornado quando o seu *Manifest* [*Kommunistische Manifest*; *Manifesto Comunista*] apareceu em 1848 mas uma novidade no meio doutras ameaças iminentes, o fantasma atual faz inteiramente jus à sua natureza de alma penada. Quer console ou ameace, quer seja saudado como espírito benigno ou temido como sombra irracional da humanidade, a sua aparição, ou tão-só o seu simples anúncio, impõe respeito a toda a volta até onde a vista alcança — se ignorarmos a ofensiva estival dos ateus em 2007, à qual devemos dois dos panfletos mais superficiais da história intelectual recente: os assinados por Christopher Hitchens e Richard Dawkins. As potências da velha Europa aliaram-se para celebrar com toda a pompa uma festa de boas-vindas — esta congregou os convidados mais díspares: o Papa e os sábios do Islão, os Presidentes dos Estados Unidos e os novos senhores do Kremlin, todos os Metternichs e Guizots do nosso tempo, os comissários culturais franceses e os sociólogos alemães.

Nesta tentativa de restaurar a religião nos seus foros ancestrais assume uma grande importância um protocolo que exige dos novos conversos e dos fascinados de fresca data a confissão dos erros de julgamento que cometeram até hoje. Como nos tempos do primeiro Merovíngio, que por morduma batalha que ganhou beijou a cruz, também hoje devem os filhos das Luzes banalizadas queimar o que adoravam e adorar o que queimavam¹.

¹ *Incende quod adorasti et adora quod incendisti*: segundo a crónica de Gregório de Tours, *Remígio*, o bispo de Reims terá pronunciado estas palavras no momento em que

Com este ato de penitência voltam a aparecer intuições litúrgicas que já se tinham perdido. Estas exigem dos noviços da “sociedade” pós-secular que se distanciem publicamente dos dogmas da crítica religiosa dos séculos iluminados. Durante estes, a autodeterminação humana parecera possível, mas tinha um preço: que os mortais exigissem a devolução das forças que desperdiçavam com o sobremundo e as aplicassem na otimização das condições terrenas. Havia que subtrair a “Deus” vastas quantidades de energia, para finalmente se estar em forma para o mundo dos homens. Nesta transferência de forças residia o *élan* da época que se devotara ao grande *singulare tantum* — o “progresso”. A agressividade humanista ia mesmo ao ponto de fazer da esperança um princípio. O saco das provisões do desesperado tornar-se-ia o *primum mobile* de tempos melhores. Quem professasse esta primeira causa original elegia a Terra como terra de imigração, para nela — e em mais parte nenhuma — se realizar. A partir desse momento, tratava-se de destruir as pontes para as altas esferas e investir na existência profana as forças libertadas. Se Deus existisse, seria agora a grandeza mais solitária do universo. A migração do Além ganhava aspetos de fuga massiva — o atual êxodo da Europa de Leste, em comparação, parece uma situação de sobrepopulação. Que as grandes massas, imperturbáveis perante as ideologias da imanência, se tivessem permitido excursões secretas ao outro lado da fronteira nos dias das Luzes triunfantes é outra questão.

Entretanto, impuseram-se outras motivações bem diferentes. Complicadas percepções do que é a sorte e o risco em termos humanos determinam a situação. Logo que se tornaram conscientes de si próprias, as Luzes revelaram os seus próprios paradoxos e avançaram sobre regiões onde as coisas, para citar um contador de histórias bem conhecido, “se tornam complicadas e tristes”². Do antigo ímpeto incondicional para a frente continuam em uso apenas cansados restos. Já não falta muito e os últimos couteiros-mores da esperança ao estilo das Luzes retiram-se para o campo, como se fossem os Amish da Pós-Modernidade. Outros eternamente progressistas seguem o apelo de organizações não governamentais que se consagraram à salvação do mundo. Para os restantes, os sinais dos tempos apontam para a revisão e a regressão. Não são poucos os contemporâneos desiludidos que gostariam de fazer pagar aos produtores e aos distribuidores as suas ilusões progressistas, como se fosse possível invocar uma

Clóvis I, rei dos Francos, entrava no banho batismal, “tal um novo Constantino”, convencido de que Cristo o ajudara a ganhar a Batalha de Tolbiac.

2 Citação de Thomas Mann, *Tonio Kröger*. (N. T.)

proteção do consumidor no terreno das ideias. O arquétipo jurídico da nossa era, o processo por perdas e danos, abrange vastos domínios da existência. Não aprendemos, estudando as práticas americanas, que temos de começar por exigir somas exorbitantes, para obtermos, no fim da guerra dos advogados, uma compensação quando muito semissatisfatória? Os descendentes dos que foram expulsos do Céu cogitam abertamente sobre generosas reparações — na verdade, ousam sonhar com compensações que farão história. Se dependesse apenas deles, a expropriação do sobremundo seria totalmente revertida. Há empresários neorreligiosos que muito gostariam de reativar, da noite para o dia, os centros de produção metafísica desativados, como se se saísse duma simples recessão.

Luzes europeias igual a crise da forma? Pelo menos uma experiência num plano inclinado e, duma perspetiva global, uma anomalia. Os sociólogos da religião dizem-no sem rodeios: em todo o lado continua-se a acreditar com toda a força, só nós aqui é que glorificámos a cura da bebedeira, a ressaca. De facto, por que razão devem ser só os Europeus a fazer dieta metafísica quando o resto do mundo continua sem pestanejar a banquetear-se nas mesas ricamente postas da ilusão?

Permito-me lembrar: Marx e Engels escreveram o seu *Manifesto Comunista* com a intenção de substituir a fábula dum espectro que dava pelo nome de Comunismo por uma autoproclamação combativa do Comunismo real. Onde predominara o simples medo dos fantasmas, deveria surgir o medo justificado dum inimigo real da situação existente. Do mesmo modo, o presente livro é consagrado à crítica duma fábula, substituindo-a por uma tese positiva. Com efeito, a fábula do regresso da religião após o “fracasso” das Luzes deve ser confrontada com uma visão mais clara dos factos espirituais. Mostrarei que um regresso à religião é tão impossível como o regresso da religião, pela simples razão de que não há nenhuma “religião” nem “religiões”, mas apenas sistemas de exercícios espirituais mal compreendidos, sejam eles praticados em coletivos — habitualmente: igreja, ordem, *umma*, *sangha* — ou em formas personalizadas — através da interação com o “Deus pessoal”, com o qual os cidadãos da Modernidade contratam seguros privados. Deste modo, a estafada distinção entre “religião verdadeira” e superstição torna-se irrelevante. Há apenas regimes de exercícios mais ou menos capazes, ou dignos, de propagação. A falsa oposição entre crentes e não crentes desaparece também e é substituída pela distinção entre praticantes e não praticantes, ou que praticam diversamente.

De facto, há hoje qualquer coisa que regressa, mas a informação que corre de que é a religião que está a regressar é insuficiente para satisfa-

zer os quesitos críticos. Tão-pouco se trata do regresso duma grandeza que teria desaparecido, mas sim da mudança de ênfase num *continuum* que nunca se fragmentou. O elemento genuinamente recorrente que mereceria toda a atenção intelectual é mais antropológico do que “religioso” nas suas implicações — é, numa palavra, o reconhecimento da constituição imunitária do ser humano. Depois de centenas de anos de experiências com novas formas de vida, tornou-se claro para a consciência que os homens, sejam quais forem as condições étnicas, económicas e políticas que governem as suas vidas, existem não apenas em “situações materiais”, mas sobretudo em sistemas imunitários simbólicos e contextos rituais fechados. É o tecido de que estes são feitos que discutiremos aqui. A razão por que os seus teares são aqui referidos pelo frio termo “antropotécnica” tornar-se-á evidente ao longo da exposição.

O primeiro passo da justificação do meu interesse por estas questões gostaria de o dar lembrando o famoso pedido de Wittgenstein de se pôr um fim à “conversa fiada sobre a ética”. Entretanto tornou-se possível reformular em termos antropométricos a parte do discurso ético que não é pura verborreia. Esse trabalho de tradução — embora com outros nomes — constitui, a partir da década de 1840, o confuso centro dos modernos “estudos culturais”. O programa ético do presente viu-se nitidamente, por um momento, quando Marx e os jovens hegelianos articularam a tese de que é o próprio homem que produz o homem. O verdadeiro significado desta afirmação foi imediatamente obscurecido, no entanto, por mais uma conversa fiada, desta vez sobre o trabalho como o único ato essencial do homem. Mas se o homem produz de facto o homem, não é por meio do trabalho e dos resultados concretos deste precisamente, nem tão-pouco por meio do trabalho “sobre si próprio” hoje tão amplamente cantado, e muito menos através da “interação” ou “comunicação”, que são alternadamente invocadas — é através da sua vida em diferentes formas de exercício.

Defino como exercício qualquer operação pela qual a qualificação do agente é estabilizada ou melhorada até à execução seguinte da mesma operação, seja ela declarada ou não como exercício³.

*

3 Sobre o conceito de exercício são dadas explicações mais à frente, nas secções consagradas à descoberta da pedagogia, pp. 247 e seg., à formação do *habitus*, pp. 229 e seg., ao *circulus virtuosus*, pp. 395 e seg., e nas três primeiras secções do capítulo 12, pp. 497-534.

Quem fala da autoprodução do homem sem referir que ele se forma numa vida em exercício, autoexclui-se do tema logo desde o início. Por conseguinte, temos de suspender praticamente tudo o que se disse sobre os homens como seres de trabalho e transpô-lo para a linguagem do exercício ou do comportamento que se forma e acrescenta a si mesmo. Não só o exausto *Homo faber*, que reifica o mundo em modo “fazer”, tem de largar o lugar no centro do palco lógico, como também o *Homo religiosus*, que se volta para o sobremundo com ritos surreais, deve gozar a merecida reforma. Trabalhadores e crentes entram juntos numa nova categoria geral. É tempo de mostrar que o homem é o ser que resulta da repetição. Tal como o século XIX em termos cognitivos se situava sob o signo da produção, e o século XX sob o da reflexividade, o futuro deveria apresentar-se sob o signo do exercício.

Neste jogo, as apostas não são pequenas. A nossa empresa não é menos do que a introdução duma linguagem alternativa, e com esta uma outra ótica, a um grupo de fenómenos para os quais a tradição costumava oferecer expressões como “espiritualidade”, “piedade”, “moral”, “ética” e “ascetismo”. Se a manobra resultar, o conceito convencional de religião, esse bicho-papão de má sina saído do armazém de adereços teatrais da Europa moderna, surgirá dos presentes estudos como o grande perdedor. Certamente, a história das ideias assemelha-se desde sempre a um asilo para conceitos malparidos — e após a jornada que ora se inicia pelas diferentes etapas, não só nos será transparente o *design* falhado do conceito de “religião” — conceito este só superado em tortuosidade pelo superpapão “cultura” — como também compreenderemos por que razão, por força das exposições que aqui modificamos, seria igualmente fútil tomar partido pela hipocrisia negativa que se apresentou a si própria, nas nossas latitudes e durante quase dois séculos, sob a forma dum ateísmo de feira — um chapéu de Geßler⁴, que intelectuais elegantes saudavam com prazer sempre que passavam por ele, não sem antes se reivindicarem do título “intelectualmente honesto”, ou então à escolha, “crítico” ou “autónomo”. Trata-se agora de rodar todo o palco noventa graus, até que o material religioso, espiritual e ético se mostre sob um novo ângulo esclarecedor.

4 Referência à história (apócrifa) do bailio austríaco de Altdorf, Albrecht Geßler, no século XIV, que era um *Landvogt* brutal. Diz-se que mandou pôr um poste na praça com o seu chapéu na ponta, e os aldeãos tinham de fazer uma vénia ao chapéu sempre que passassem por ali (a provação lendária de Guilherme Tell, no drama de Schiller, decorre do facto de se ter recusado a fazer a vénia humilhante). No alemão corrente, o “chapéu de Geßler” denota um postulado arbitrário que é cegamente obedecido. (*N. T.*)